RESENHA ECONÔMICA 14

QUADROS E COMENTÁRIOS DA ECONOMIA BRASILEIRA E MUNDIAL

14ª Edição

ECONOMIA SOB PRESSÃO: O QUE ESPERA O BRASIL E O MERCADO EM 2027?

5 DE NOVEMBRO DE 2026

ANEFAC

70 anos ADVB®

Ninguém é líder por acaso.

SOBRE ESSA RESENHA ECONÔMICA

Esta publicação possui **finalidade exclusivamente educacional e informativa**, reunindo indicadores, notícias e análises sobre a economia brasileira e internacional, extraídos de fontes públicas e amplamente acessíveis, como boletins econômicos, relatórios financeiros, revistas especializadas e veículos de imprensa.

Seu objetivo é oferecer um **panorama atualizado dos principais temas econômicos**, contribuindo para a compreensão das tendências, riscos e possíveis impactos sobre empresas, mercados e a economia.

As informações apresentadas constituem uma **compilação de diferentes fontes e visões de mercado**, não representando opinião ou análise formal da **ANEFAC ou da ADVB**.

Notícias, imagens, gráficos e demais conteúdos de terceiros são utilizados exclusivamente como **referência para análise e debate econômico**, permanecendo os respectivos **direitos autorais** pertencentes aos seus titulares.

O conteúdo restringe-se à análise de cenários econômicos**, sem abordagem de questões de natureza político-partidária.**

Boletim FOCUS semanal

Boletim FOCUS de 30-out-26 - publicado em 03-nov-26

IPCA - INFLAÇÃO

ANO	PROJEÇÕES HÁ 1 SEMANA	PROJEÇÕES SEMANA ATUAL	VAR%	INFLAÇÃO META BACEN	TOLERANCIA ABAIXO	TOLERANCIA ACIMA
					-1,50%	1,50%
2026	5,19%	5,22%	0,03%	3,00%	1,50%	4,50%
2027	4,34%	4,76%	0,42%	3,00%	1,50%	4,50%
2028	3,75%	4,00%	0,25%	3,00%	1,50%	4,50%
2029	3,50%	3,98%	0,48%	3,00%	1,50%	4,50%

PIB BRASIL

2026	1,80%	1,76%	-0,04%
2027	1,31%	1,20%	-0,11%
2028	1,81%	1,80%	-0,01%
2029	2,00%	2,00%	0,00%

SELIC no final do ano

2026	13,25%	13,50%	0,25%
2027	11,75%	12,50%	0,75%
2028	10,00%	11,00%	1,00%
2029	10,00%	10,25%	0,25%

BANCO CENTRAL DO BRASIL

Focus - Relatório de Mercado

Pesquisa diária sobre o cenário econômico com 140 instituições financeiras – bancos, gestoras de recursos, consultorias e associações.

CÔRES NAS VARIAÇÕES

- é bom
- é neutro
- não é bom

COMENTÁRIOS

O Focus revisou para pior o cenário de 2027

Inflação

A mediana do IPCA subiu de 4,34% para 4,76% em uma semana. A nova projeção supera o limite superior de 4,50% mostrado no quadro.

Atividade

A previsão de crescimento do PIB em 2027 caiu de 1,31% para 1,20%. A combinação de inflação mais alta e atividade mais fraca torna o cenário mais difícil para as empresas.

Juros

A mediana para a Selic no fim de 2027 passou de 11,75% para 12,50%. O Focus reúne expectativas do mercado para o fim do ano.

DATAS DAS REUNIÕES 2026
COPOM-BRASIL E FOMC-EUA

ANEFAC

70 anos ADVB
Ninguém é líder por acaso.

BRASIL			ESTADOS UNIDOS	
COPOM			FOMC	
1	276ª	27 e 28 de janeiro	1	27 e 28 de janeiro
2	277ª	17 e 18 de março	2	17 e 18 de março
3	278ª	28 e 29 de abril	3	28 e 29 de abril
4	279ª	16 e 17 de junho	4	16 e 17 de junho
5	280ª	4 e 5 de agosto	5	28 e 29 de julho
6	281ª	15 e 16 de setembro	6	15 e 16 de setembro
7	282ª	3 e 4 de novembro	7	27 e 28 de outubro
8	283ª	8 e 9 de dezembro	8	8 e 9 de dezembro

NESSAS DATAS SÃO DECIDIDAS AS TAXAS DE JUROS

Copom e Fed voltam a se reunir em dezembro

Brasil

Na próxima reunião, a evolução das expectativas de inflação e os sinais de desaceleração da atividade ajudarão a avaliar o espaço para retomar os cortes.

Estados Unidos

A leitura conjunta da inflação e do emprego ajuda a avaliar quanto tempo o Fed pode manter os juros no patamar atual.

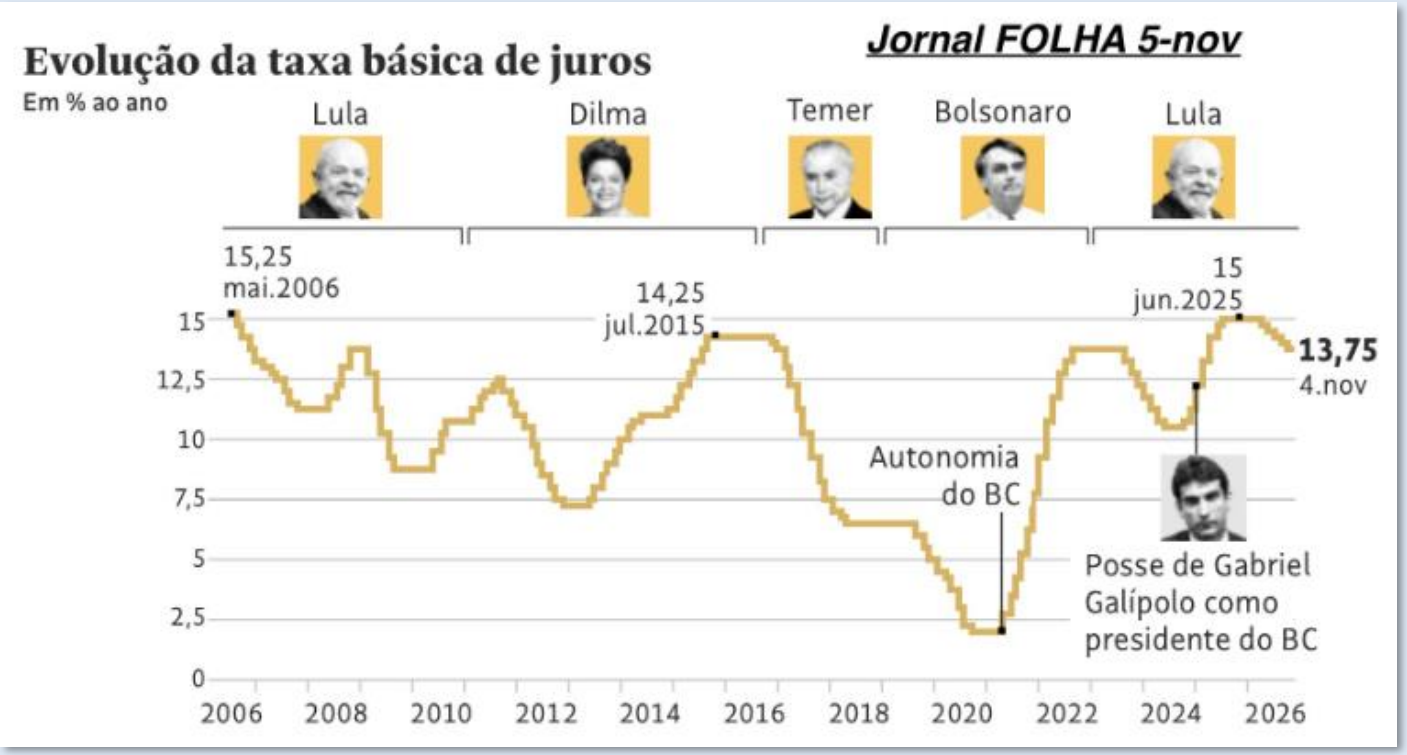
Calendário

As duas reuniões estão previstas para 8 e 9 de dezembro. Os comunicados ajudam a entender como cada banco central interpreta seus dados domésticos.

SELIC

BC interrompe cortes dos juros após choque eleitoral; taxa fica em 13,75%

Copom mostra cautela em primeira reunião depois de reeleição de Lula em cenário de incerteza fiscal e disparada do dólar e não dá indícios de decisões futuras



Nathalia Garcia

BRASÍLIA O Copom (Comitê de Política Monetária) manteve nesta quarta-feira (4) a taxa básica de juros inalterada em 13,75% ao ano e interrompeu o ciclo de cortes da Selic ante a turbulência nos mercados, na primeira reunião após a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Ao justificar a pausa, o colegiado do Banco Central mencionou o aumento significativo das incertezas em relação a suas próprias projeções, a elevação das expectativas de inflação e a desaceleração mais acentuada da atividade econômica. Para o comitê, esse contexto é um cenário desafiador para a política de juros e requer cautela e serenidade em sua atuação.

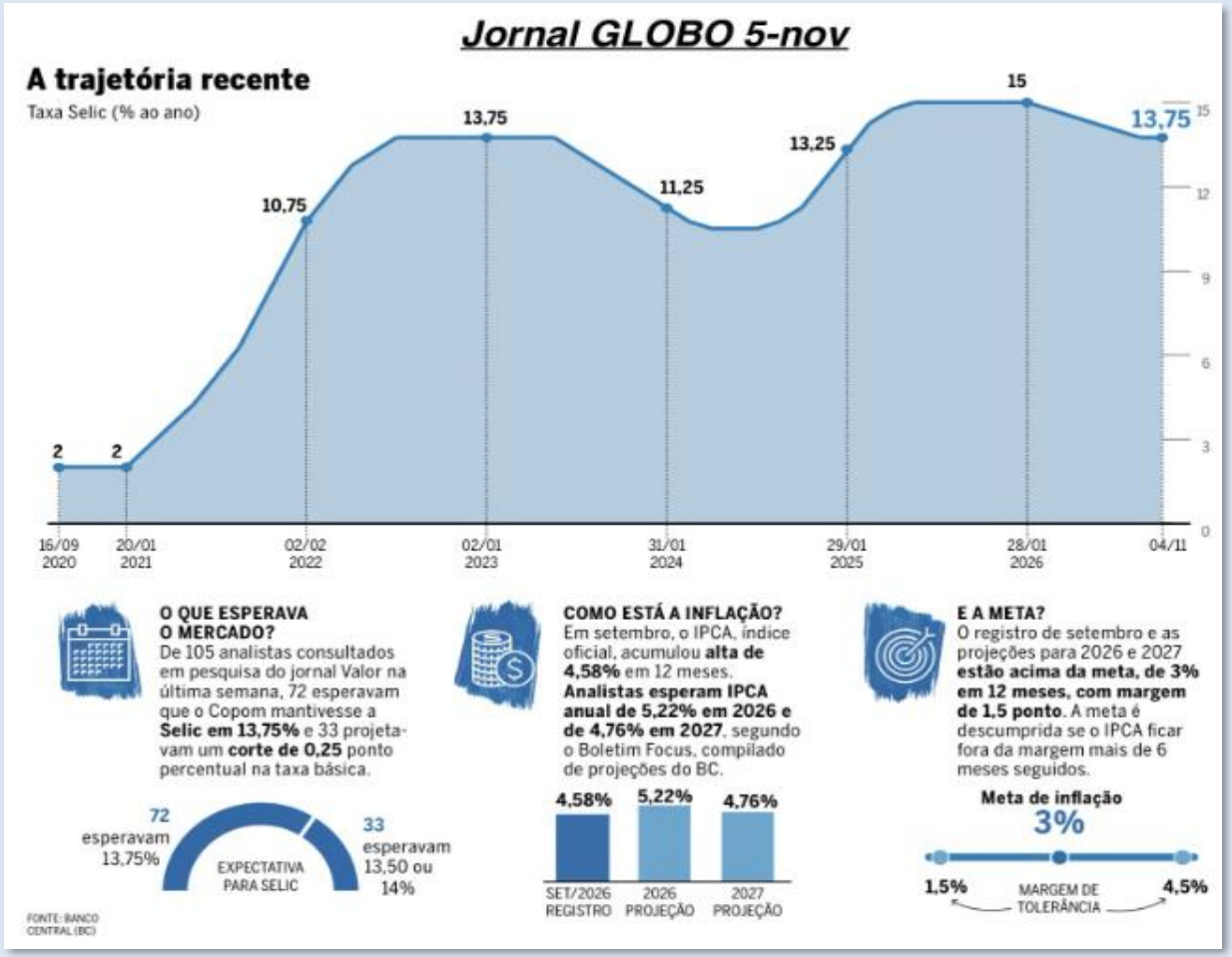
A decisão do Copom foi unânime e veio em linha com a expectativa da maioria dos economistas. A aposta pelo fim do ciclo de queda da Selic ganhou força na última semana após a piora no cenário econômico doméstico.

SELIC

POLÍTICA DE JUROS

PARADA NOS CORTES

Após 5 reduções, BC mantém taxa básica em 13,75% perante 'cenário desafiador'



GERALDA DOCA E FABIO GRANER
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA

Na primeira reunião após a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) decidiu ontem, por unanimidade, interromper o ciclo de redução da taxa básica de juros, a Selic, mantendo-a em 13,75% ao ano. O ciclo, iniciado em março deste ano, teve cinco cortes de 0,25 ponto percentual. Em comunicado, o BC apontou o cenário macroeconômico desafiador para justificar sua "cautela" e não antecipou qualquer sinal sobre o que deve fazer na próxima reunião do Copom, em dezembro.

A taxa básica de juros serve de referência mínima para o custo de todas as operações financeiras da economia e é o principal instrumento do BC para controlar a inflação — elevada, esfria a demanda e, portanto, a atividade econômica; mais baixa, aquece consumo e investimentos, impulsionando o crescimento econômico. A meta contínua de inflação é de 3% no acumulado em 12 meses, com margem de 1,5 ponto. O IPCA, índice oficial do país, registrou alta de 4,58% em 12 meses até setembro.

COMENTÁRIOS - SELIC

A pausa do Copom prolonga o custo elevado do crédito

Decisão

O Copom manteve a Selic em 13,75% ao ano, após cinco reduções. A pausa sinaliza cautela diante da incerteza e da piora das expectativas de inflação.

Expectativa

O Focus divulgado antes da decisão projetava 13,50% no fim de 2026. A próxima reunião dirá se essa expectativa se confirma.

Empresas

O efeito é mais imediato para dívidas pós-fixadas e operações a renovar. O custo final também depende do spread e das condições de cada tomador.

JUROS ALTOS

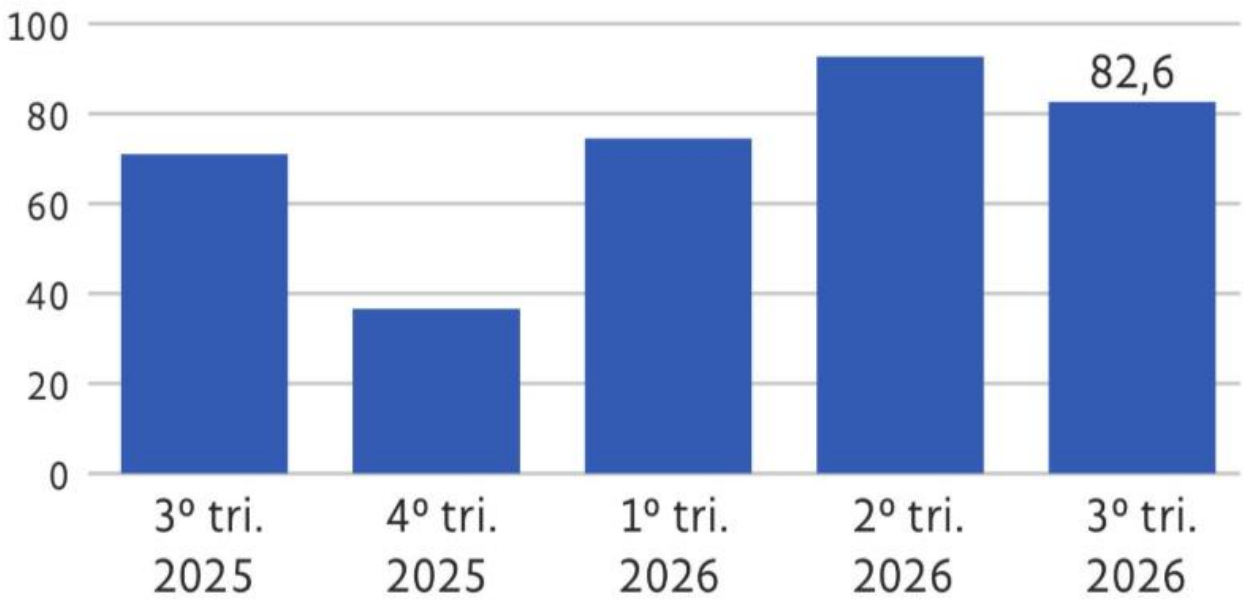
Juros altos e economia mais fraca pressionam balanços do 3º trimestre

Analistas veem resultados com viés negativo para a maioria das empresas; queda recente da Selic ainda não alivia dívida

Lucro total das dez maiores empresas do Ibovespa

Valores em R$ bilhões

Jornal FOLHA 20-out



Guilherme W. Almeida
e Gustavo Boldrini

SÃO PAULO A temporada de balanços do terceiro trimestre das empresas brasileiras, que começa nesta terça-feira (20), deve mostrar os desafios enfrentados por elas em um ambiente de juros altos e de desaceleração da economia, segundo analistas consultados pela **Folha**.

Para a maioria das companhias, a expectativa é de desempenho fraco ou com viés negativo, misturando números bons com outros ruins. Não há projeção de melhora generalizada de lucros na comparação com igual período do ano passado, exceto para algumas das maiores empresas do Ibovespa, como Petrobras, Sabesp e alguns bancos.

A Selic em queda, mas ainda na casa dos dois dígitos, deve continuar pressionando o endividamento e as margens de lucro das companhias voltadas ao mercado doméstico e afetando setores cíclicos como o varejo. Para os bancos, a inadimplência e a restrição de crédito podem impactar também o desempenho.

Empresas de petróleo, energia e infraestrutura devem se destacar positivamente pela maior resiliência de seus resultados e pelo preço do barril do Brent, que terminou o trimestre acima dos US$ 100 e impulsionou o setor de óleo e gás.

CARGA TRIBUTÁRIA

Com nova alíquota, carga tributária pode subir em 2027

SIMPLIFICAÇÃO TRIBUTÁRIA *Jornal ESTADÃO 29-out*

Como ficam os impostos com a reforma enviada ao Congresso



TCU estima que a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) terá início com taxa de 11,34%, acima da previsão de analistas

ALVARO GRIBEL
BRASÍLIA

A alíquota de 11,34% prevista para a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) – imposto federal criado pela reforma tributária e que entrará em vigor na virada do ano – assustou especialistas, que classificaram o porcentual como elevado. O entendimento é de que a Receita Federal adotou uma metodologia de cálculo "conservadora", por temer queda de arrecadação no ano que vem. O risco é de aumento da carga tributária em 2027.

Ontem, o plenário do Tribunal de Contas da União (TCU) aprovou a alíquota, depois de receber o modelo da conta do governo federal. Agora, o Senado tem até o dia 15 de dezembro para votar e aprovar o número. Caso o tema não seja apreciado, valerá a alíquota calculada pelo TCU.

CONTAS PÚBLICAS

CONTAS PÚBLICAS

Jornal GLOBO
30-out

MAIOR NÍVEL DESDE 2021

Dívida bruta bate 82,9% do PIB em setembro e reforça necessidade de ajuste fiscal

BERNARDO LIMA E SAMUEL LIMA
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA E SÃO PAULO

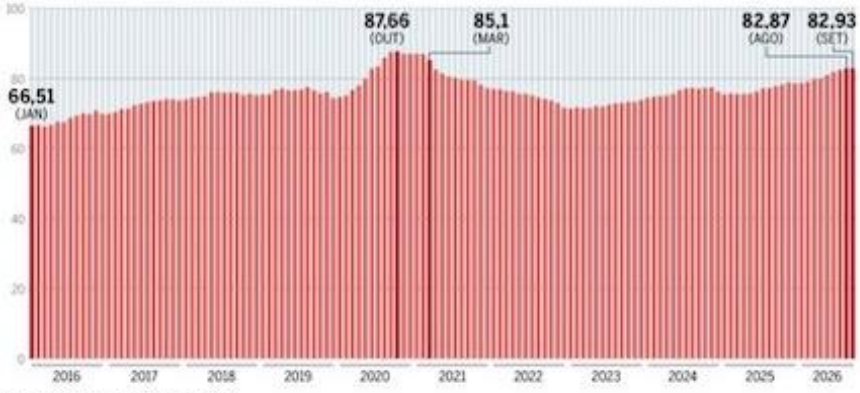
A dívida bruta brasileira se manteve em 82,9% do PIB em setembro, mesmo nível de agosto, no maior patamar desde 2021. Os dados divulgados ontem pelo Banco Central (BC) reforçam, segundo especialistas, o desafio de ajustar as contas públicas do país e elevam a pressão na economia no quarto mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O endividamento bruto — número que inclui governo federal, INSS, estados e municípios — é um dos principais indicadores econômicos analisados por especialistas e investidores para avaliar a saúde das contas públicas do país.

Mesmo com a estabilidade em setembro, a dívida pública subiu 11,2 pontos percentuais neste terceiro mandato do governo Lula, que iniciou com um passivo que somava 71,7% do PIB ao fim de 2022. Com essa alta nos últimos anos, o endividamento público retornou aos patamares que atingiu durante a pandemia, quando chegou ao seu recorde, de 87,66% do PIB, em outubro de 2020.

O economista Tiago Sbardelotto, da XP, diz que a trajetória da dívida é preocupante e deve continuar crescendo nos próximos meses, chegando a 83,6% ao fim do ano, segundo as projeções da instituição. Na sua avaliação, a maior parte da responsabilidade sobre a alta da dívida é da política fiscal adotada pelo governo.

Endividamento em alta (em % do PIB)



RESULTADO DO SETOR PÚBLICO
(UNIÃO, ESTADOS, MUNICÍPIOS E PARTE DAS ESTATAIS)
(Janeiro-Setembro)

2024	2025	2026
-R$ 93,561 bilhões	-R$ 79,244 bilhões	-R$ 94,344 bilhões
(1,07% do PIB)	(0,84% do PIB)	(0,93% do PIB)

FONTE: BANCO CENTRAL

Juros, tributação e dívida pública afetam o caixa

Balanços

Juros altos pressionam o resultado financeiro. A atividade mais fraca pode reduzir o ritmo das vendas. Separar os dois efeitos ajuda a explicar a variação do lucro.

Reforma tributária

A possível alta de carga em 2027 é uma hipótese discutida na matéria. O impacto efetivo depende da alíquota aplicável, dos créditos aproveitáveis e do regime de cada operação.

Contas públicas

A dívida bruta chegou a 82,9% do PIB em setembro, segundo o quadro. A trajetória da dívida e a percepção sobre o ajuste fiscal influenciam o prêmio exigido para financiar prazos mais longos.

ESCALA 5X2

Veja o que muda com o fim da escala 6x1

TEMA	COMO É	COMO FICA
Jornada de trabalho	Limitada a oito horas por dia e 44 horas semanais	Limitada a oito horas diárias e 40 horas semanais, com dois descansos semanais remunerados, sendo um deles preferencialmente aos domingos; no primeiro ano, o limite será de 42 horas semanais
Descanso semanal	Repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos	Ficam garantidos dois dias de repouso semanal remunerado, sendo um deles preferencialmente aos domingos
Escala de trabalho e folgas	A escala de trabalho não está determinada na Constituição; empresas podem organizar a escala até o limite de 44 horas semanais	Texto prevê a escala de trabalho 5x2, mas mantém regimes especiais para determinadas categorias, conforme previsto em leis específicas, normas regulamentadoras, acordos e convenções coletivas
Hora extra	Salário deve ser acrescido em 50% a cada hora a mais trabalhada, com limite de duas horas extras por dia	Acordos e convenções coletivas poderão prever que, durante a transição, a jornada diária possa ter mais de oito horas para compensar a escala 5x2, sem que sejam pagas como extra
Trabalho aos domingos	O trabalho aos domingos não é proibido e é, inclusive, permitido para algumas categorias consideradas essenciais. Se houver trabalho nesse dia sem compensação prevista em lei, norma ou convenção ou acordo coletivo, a hora de trabalho deverá ser paga em dobro	A PEC mantém o domingo como um dia preferencial de descanso, mas não veta o trabalho neste dia, garantindo que categorias que precisem funcionar possam organizar suas escalas; vale a regra atual de compensação, que pode ser feita, inclusive, por banco de horas

Veja o que muda com o fim da escala 6x1

TEMA	COMO É	COMO FICA
Banco de horas	O trabalho em domingos e feriados pode ser compensado por meio de banco de horas se houver acordo ou convenção coletiva prevendo a medida	Não há nova regra prevista, e o banco de horas poderá ser adotado conforme as negociações entre empregadores e trabalhadores
Acordos e convenções coletivas	A Constituição e a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) garantem que acordos e convenções coletivas podem prever arranjos diferentes de leis e normas, desde que respeitem a Constituição; é o acordado sobre o legislado, reforçado na reforma trabalhista de 2017	A PEC mantém que acordo ou convenção coletiva de trabalho podem prever compensação de horários e outros arranjos de jornada, desde que respeitados os limites, reforçando o acordado sobre o legislado
Super-empregados	A reforma trabalhista de 2017 criou a figura do trabalhador hipersuficiente, que é aquele com diploma de nível superior e salário acima de dois tetos da Previdência Social; ele pode negociar diretamente com o empregador	A PEC coloca na Constituição a figura do 'superempregado', que é o trabalhador com diploma de nível superior e com salário acima de dois tetos e meio da Previdência, o que dá R$ 21.188,88 hoje. Nesse caso, o profissional não terá controle de jornada

Escala 5x2 passa a valer 60 dias após promulgação; redução na jornada será em duas etapas

No primeiro ano, limite semanal será de 42 horas; PEC prevê que MEIs poderão ser beneficiados por algum tipo de compensação

SÃO PAULO A PEC (proposta de emenda à Constituição) que acaba com a escala 6x1 —na qual se trabalham seis dias por semana com um dia de folga— deve mudar a rotina de grande parte dos trabalhadores do país. Pela proposta, a jornada, hoje limitada a 44 horas semanais, deve cair para 42 horas e, depois, para 40 horas. A mudança não será imediata.

A nova escala passa a valer 60 dias após a promulgação e a publicação da emenda. A redução ocorreria em duas etapas: para 42 horas semanais no primeiro momento e para 40 horas após 12 meses. **Cristiane Gercina**

TAXA DE DESEMPREGO

Jornal FOLHA 31-out

Taxa de desemprego

Em %



Número de desempregados

Em milhões



Taxa de desemprego de 5,2% é a menor até setembro com criação de vagas na construção

Para analistas, dados mostram que mercado de trabalho segue forte, mas dá novos sinais de perda de ritmo em meio à desaceleração da economia

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO A taxa de desemprego ficou em 5,2% no trimestre até setembro, o menor patamar para esse intervalo na série histórica iniciada em 2012, afirmou o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nesta sexta (30).

O indicador registrou leve redução de 0,2 ponto percentual ante o nível de 5,4% dos três meses encerrados em junho, que servem de base de comparação. Os dados são da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua).

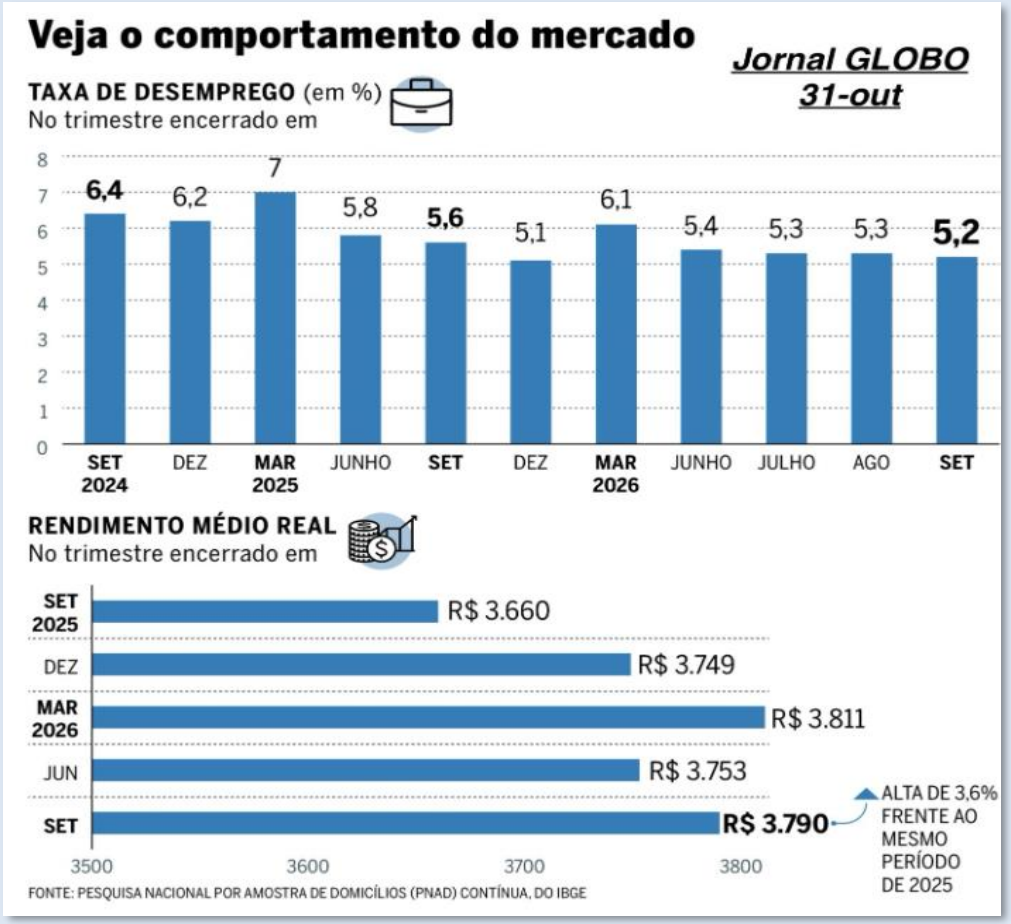
A abertura de empregos ficou mais concentrada na construção, enquanto as outras nove atividades investigadas não tiveram variações consideradas significativas pelo IBGE. A renda também permaneceu estável.

Para analistas, os dados mostram que o mercado de trabalho segue forte, mas dá novos sinais de perda de ritmo em meio ao cenário de desaceleração da economia sob juros altos.

TAXA DE DESEMPREGO

Desemprego cai para 5,2%, menor taxa para setembro

População ocupada vai a 103,6 milhões, novo recorde. Rendimento fica em R$ 3.790, avanço de 3,6% em relação a igual período do ano passado



MAYRA CASTRO
mayra.castro@oglobo.com.br

A taxa de desemprego voltou a cair e chegou a 5,2% no trimestre encerrado em setembro, o menor nível para o mês da série histórica iniciada em 2012, enquanto a população ocupada bateu recorde. O resultado veio dentro do esperado e, segundo economistas, mostra um mercado de trabalho ainda aquecido, sustentado em parte pelos estímulos fiscais, mas com sinais de desaquecimento diante de uma economia mais fraca.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua) foi divulgada ontem pelo IBGE. No trimestre encerrado em agosto, o número estava em 5,3%. Já no mesmo período do ano anterior, a taxa foi de 5,6%. A população ocupada chegou a 103,6 milhões, maior de toda a série, com mais 581 mil pessoas no trimestre e 1,2 milhão na comparação com o ano passado. Já o número de desempregados ficou em 5,6 milhões, com queda de 4% (menos 234 mil pessoas) em relação ao segundo trimestre do ano.

TAXA DE DESEMPREGO

Trabalho Resiliência

Jornal ESTADAO 31-out

Setor de construção concentra abertura de vagas no trimestre

Analista do IBGE afirma que eleições podem ter freado geração de vagas em outros setores da economia

RIO

Os dados divulgados ontem pelo IBGE mostram que a abertura de novas vagas no trimestre encerrado em setembro se concentrou no setor da construção, que cresceu 2,8% no período. Foram 210 mil novos postos na comparação com o trimestre de abril a junho, enquanto as demais atividades não tiveram variações consideradas significativas pelo IBGE.



Emprego forte e jornada de trabalho exigem leituras distintas

Mercado de trabalho

O desemprego de 5,2% no trimestre até setembro mostra resistência do emprego. A construção se destacou na abertura de vagas, com possíveis efeitos sobre a disponibilidade de mão de obra.

Jornada

O cronograma de redução para 42 e depois 40 horas semanais pertence à proposta descrita na matéria. Os prazos dependem da promulgação e do texto final.

Empresas

Em obras e operações por turnos, o impacto sobre o custo por unidade produzida depende da reorganização das escalas, das horas extras e dos ganhos de produtividade.

PETRÓLEO

Comércio exterior Conflito no Irã ajudou não só no aumento do preço do barril como afetou a compra de derivados da commodity

Petróleo lidera exportações e responde por metade do superávit

Marta Watanabe e Álvaro Fagundes
De São Paulo

O superávit comercial da balança de petróleo e derivados atingiu US$ 31,22 bilhões de janeiro a setembro, 40% a mais que o de iguais meses de 2025 e recorde de toda a série para o período. O valor equivale à metade do superávit da balança comercial total e na verdade foi ligeiramente superior ao saldo positivo de US$ 31,18 bilhões dos demais produtos que integram a pauta brasileira de exportação e de importação.

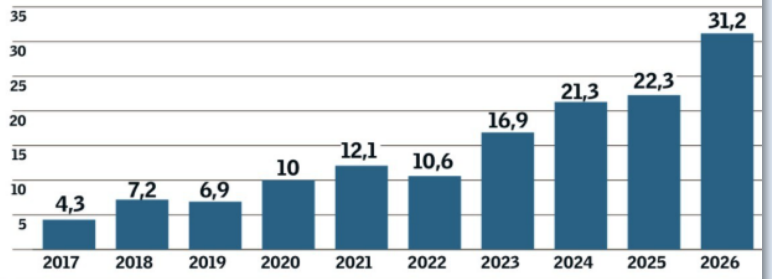
O petróleo bruto tornou-se desde setembro o principal item exportado pelo país e, segundo analistas ouvidos pelo **Valor**, deve se manter como carro-chefe do superávit comercial, tanto por aumento de volumes exportados quanto pela manutenção de preços relativamente elevados. Até agosto, era a soja que liderava a pauta de exportação.

Jornal VALOR 20-out

Peso-pesado

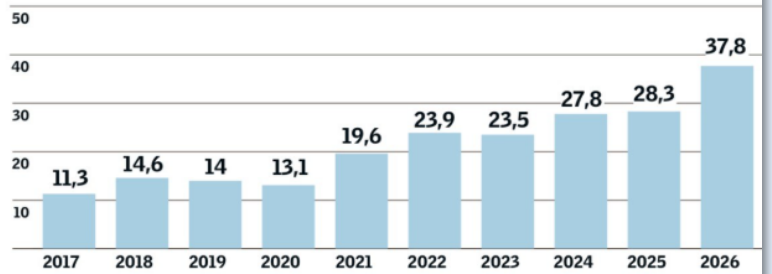
Petróleo responde por metade do superávit brasileiro

Participação de petróleo e derivados no superávit de janeiro a setembro
Em US$ bilhões



Em %	9,4	22,3	27,9	24,6	21,5	22,3	23,6	36,3	48,2	50,0

Movimento é liderado pelo petróleo
Superávit do petróleo de janeiro a setembro, em US$ bilhões



PETRÓLEO

Comércio internacional **Novas rotas**

Exportações de petróleo crescem quase 30% com compras da China

Diversificação de mercados ajudou País a compensar a queda nas vendas aos EUA por causa do tarifaço de Trump

FLÁVIA SAID
BRASÍLIA

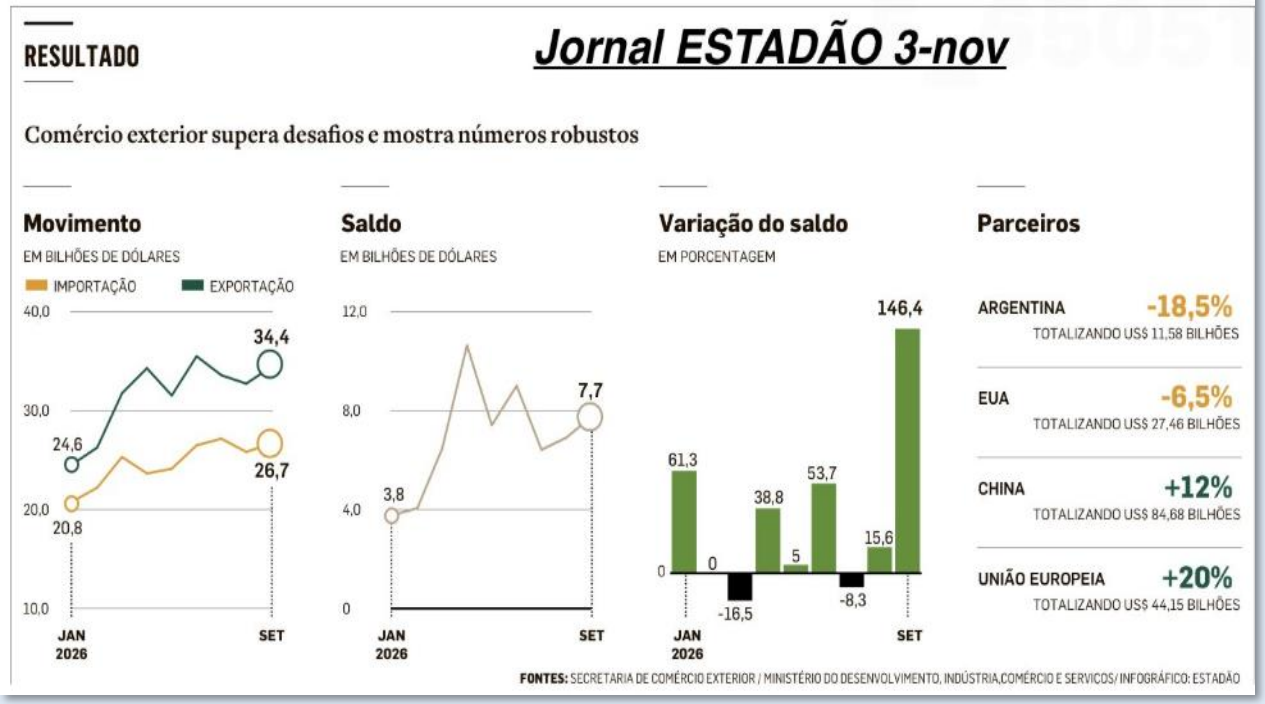
As receitas do País com a exportação de petróleo tiveram um crescimento de 77,3% em setembro e a commodity se firma como o principal item de exportação no acumulado do ano, totalizando US$ 43 bilhões – quase 30% a mais do que em igual período de 2025, quando somava US$ 33,4 bilhões. Os cálculos são do diretor do Departamento de Estatísticas e Estudos de Comércio Exterior, Herlon Brandão, com base nos dados do início de outubro.

O fechamento do Estreito de Ormuz por causa do conflito entre EUA e Irã fez com que a China passasse a comprar metade do petróleo vendido pelo Brasil, segundo dados do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC). As exportações de petróleo para o gigante asiático cresceram 49% de janeiro a setembro, ante o mesmo período de 2025, atingindo o recorde de US$ 21,8 bilhões para o período. As vendas dispararam após a interrupção do fornecimento a partir do Golfo Pérsico.

Jornal ESTADÃO 3-nov

RESULTADO

Comércio exterior supera desafios e mostra números robustos

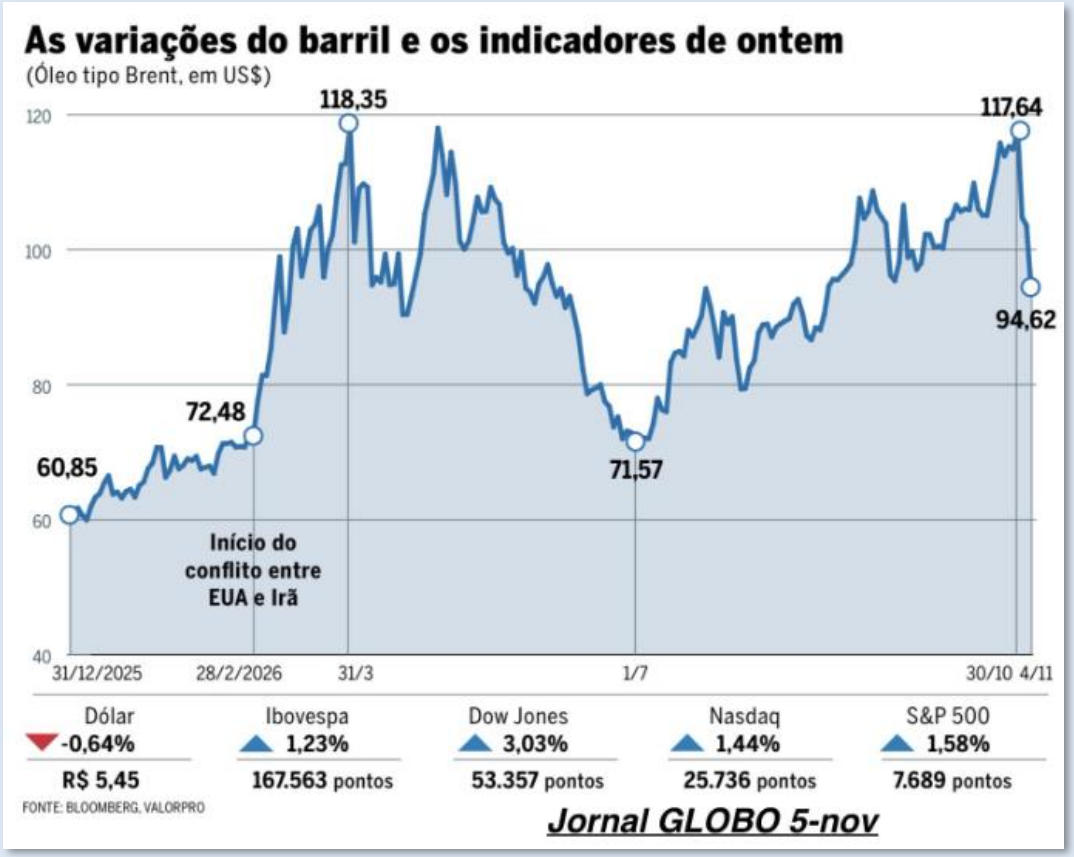


FONTES: SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR / MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS/ INFOGRÁFICO: ESTADÃO

PETRÓLEO

Petróleo despenca com derrota de Trump, dólar cai, e Bolsas sobem

Perspectiva de fim mais rápido da guerra com o Irã anima mercados, e Ibovespa interrompe sequência de baixas



PAULO RENATO NEPOMUCENO
paulo.renato@oglobo.com.br

A derrota acachapante do Partido Republicano, do presidente Donald Trump, nas eleições de meio de mandato nos Estados Unidos (*leia na página 20*) derrubou ontem as cotações do petróleo, fez o dólar cair frente à maioria das divisas do mundo, incluindo o real, e jogou para cima os índices de ações das principais Bolsas globais. O rali causado pela vitória democrata ajudou a frear o estresse que atingiu o mercado financeiro brasileiro após a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O preço do barril do petróleo tipo Brent (padrão global) despencou 8,6%, cotado a US$ 94,62, o menor valor desde 31 de agosto, com os investidores apostando que a vitória dos democratas nas eleições aumenta as chances de um fim mais rápido da guerra com o Irã.

COMÉRCIO EXTERIOR

Comércio exterior Exportação tem aumento de 12% até setembro, enquanto importação cresce 9,9%

Comércio com a China bate recorde em 2026

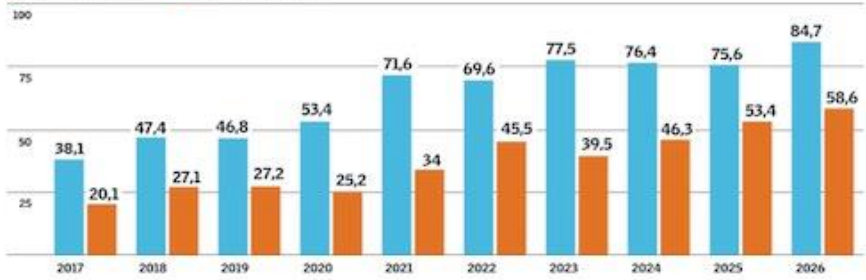
Comércio crescente

Dados selecionados das relações comerciais entre Brasil e China

Recorde na exportação e importação

Relações Brasil-China, de janeiro a setembro - US$ bilhões

Jornal GLOBO 15-out



Top 5 das vendas aos chineses

Exportações brasileiras - US$ bilhões

	Jan-Set/26 (US$ bi)	% Total da vendas do Brasil à China
Soja	30	35,4
Petróleo	21,8	25,8
Minério de ferro	13,8	16,3
Carne bovina	5,5	6,5
Celulose, exceto dissolução	3	3,5

Top 5 das compras made in China

Importações brasileiras - US$ bilhões

	Jan-Set/26 (US$ bi)	% Total das compras origem China
Carros híbridos plug-in	2,9	4,9
Carros elétricos	2,4	4,1
Herbicidas	1,2	2
Mídias gravadas com dados	1	1,7
Partes para smartphones, equip. redes e afins	0,9	1,5

Fonte: Mdic, com elaboração do CEBC

Marta Watanabe
De Brasília

As exportações, importações e a corrente de comércio entre Brasil e China atingiram em 2026 valores históricos para o período de janeiro a setembro. Os dados reforçam o país asiático como principal destino dos embarques brasileiros e também como líder das origens das importações brasileiras.

As vendas brasileiras ao mercado chinês cresceram 12%, alcançando US$ 84,7 bilhões, enquanto as importações avançaram 9,9%, somando US$ 58,6 bilhões, sempre de janeiro a setembro ante iguais meses de 2025. A corrente de comércio sino-brasileira — soma das importações e exportações — alcançou US$ 143,3 bilhões.

O superávit comercial brasileiro com a China chegou a US$ 26,1 bilhões, com exportações puxadas por soja, petróleo e minério de ferro. Tradicionais na pauta de embarques aos chineses, os três itens mantêm parcela significativa da exportação à China — mais de 77%. Os dados são do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (Mdic) e foram organizados pelo Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC).

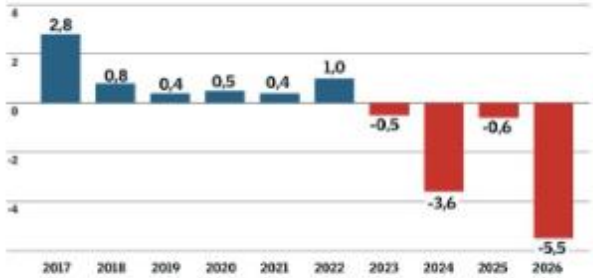
COMÉRCIO EXTERIOR

Patinando

Déficit brasileiro no comércio de veículos dispara em 2026

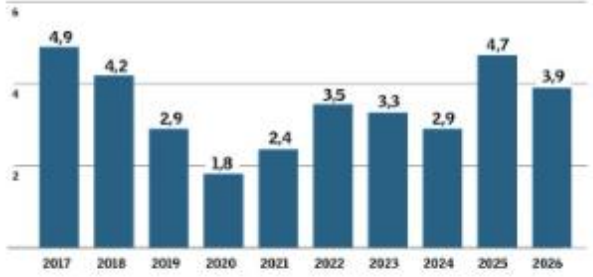
Jornal VALOR 5-nov

Saldo do comércio de veículos de janeiro a setembro, em US$ bilhões

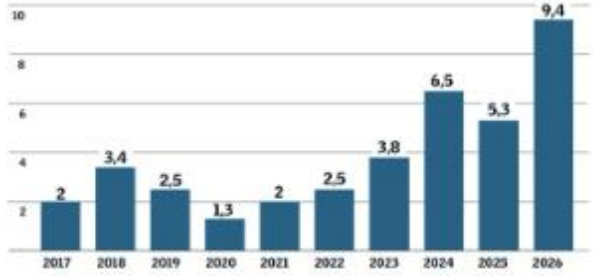


Exportações pioram e importações disparam

Exportação brasileira de veículos de janeiro a setembro, em US$ bilhões



Importação brasileira de veículos de janeiro a setembro, em US$ bilhões



Maiores mercados

Principais destinos dos veículos brasileiros de janeiro a setembro de 2026

	US$ bi	Var. ante igual período de 2025, em %
1º Argentina	2,1	-32,0
2º Colômbia	0,6	8,6
3º México	0,4	10,0
4º Paraguai	0,1	59,6
5º Chile	0,1	-14,2

Principais vendedores de veículos para o Brasil de janeiro a setembro de 2026

	US$ bi	Var. ante igual período de 2025, em %
1º China	6,3	165,3
2º Argentina	1,1	-15,4
3º México	0,7	70,2
4º Alemanha	0,4	2,2
5º EUA	0,2	21,7

Avanços e perdas

Principais destinos dos carros chineses na América do Sul (jan/set/2026)

	US$ bi	Var. ante igual período de 2025, em %
1º Brasil	7,2	137,5
2º Colômbia	1,5	261,3
3º Chile	1,2	88,2
4º Peru	1	119
5º Argentina	0,9	145,8

Principais exportadores de carros para a Argentina (jan/set/2026)

	US$ bi	Var. ante igual período de 2025, em %
1º Brasil	2,1	-29,9
2º China	0,9	213,3
3º México	0,2	20,9
4º Alemanha	0,2	61,3
5º Japão	0,1	20,6

Fontes: Affinitop chinesa, ComexStat e Index

Comércio exterior Saldo negativo de US$ 5,5 bi de janeiro a setembro reflete rápida mudança no setor, com disparada de compras e queda na exportação

Déficit de automóveis cresce 835% com invasão chinesa e perda argentina

Marta Watanabe e Álvaro Fagundes
De São Paulo

Enquanto o superávit da balança comercial total deve ir além das expectativas iniciais este ano, embalado por exportações de petróleo e soja, o déficit na balança de automóveis se acentua. De janeiro a setembro chegou a US$ 5,53 bilhões, o mais profundo para o período de toda a série histórica e 835% mais que em iguais meses do ano passado: US$ 591 milhões. O quadro deste ano reflete não somente importações em alta, mas também exportações em queda. A balança total brasileira, nos mesmos nove meses, tem superávit de US$ 62,4 bilhões.

Puxada pelos eletrificados chineses, a importação de veículos também atingiu valor histórico para o período: US$ 9,42 bilhões, 76,7% mais que em 2025. A exportação de carros deixou para trás o fôlego dado pela economia argentina em 2025 e caiu 18% no período, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic).

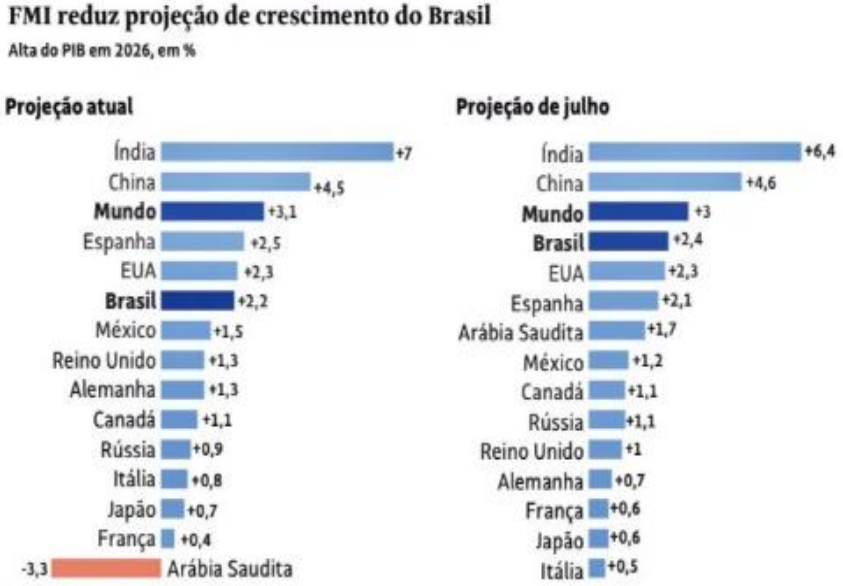
FMI

economia

Jornal FOLHA 13-out

FMI reduz projeção de crescimento do Brasil, mas eleva a da economia global

Fundo atribui a revisão das estimativas para o país às condições monetárias restritivas e às incertezas sobre a atividade mundial



BUENOS AIRES O FMI (Fundo Monetário Internacional) reduziu a projeção de crescimento do PIB do Brasil e da China e elevou a da economia global, de acordo com o relatório Perspectiva Econômica Global divulgado na noite desta segunda (12). A revisão inverte as expectativas de três meses atrás.

Para o Brasil, o Fundo projeta expansão de 2,2% em 2026, ante 2,4% no relatório de julho, e de 1,9% em 2027, ante 2,2% na previsão anterior.

Segundo os analistas, a desaceleração reflete condições monetárias ainda restritivas, voltadas para o retorno da inflação à meta, a retirada do suporte da política fiscal e a incerteza global.

Ainda assim, a nova estimativa para este ano fica levemente acima da do Boletim Macrofiscal do Ministério da Fazenda, que espera expansão de 2%. Há uma semana, diferentemente do FMI, o Banco Mundial elevou a estimativa para a economia brasileira em 2026, de 1,9% para 2,1%, mas reduziu a de 2027, de 2% para 1,7%.

O superávit comercial convive com pressões setoriais

Petróleo e China

O petróleo sustenta parcela expressiva do superávit. A concentração das vendas amplia a sensibilidade ao preço do barril e à demanda chinesa.

Setor automotivo

O aumento das importações chinesas e a perda de vendas à Argentina ajudam a explicar o déficit de automóveis. O saldo agregado pode melhorar enquanto a situação de um setor se deteriora.

Cenário externo

O FMI revisou para baixo a projeção para o Brasil mesmo com melhora na previsão global. A queda recente do petróleo pode aliviar custos de importação de derivados, ao mesmo tempo que reduz receitas de exportação.

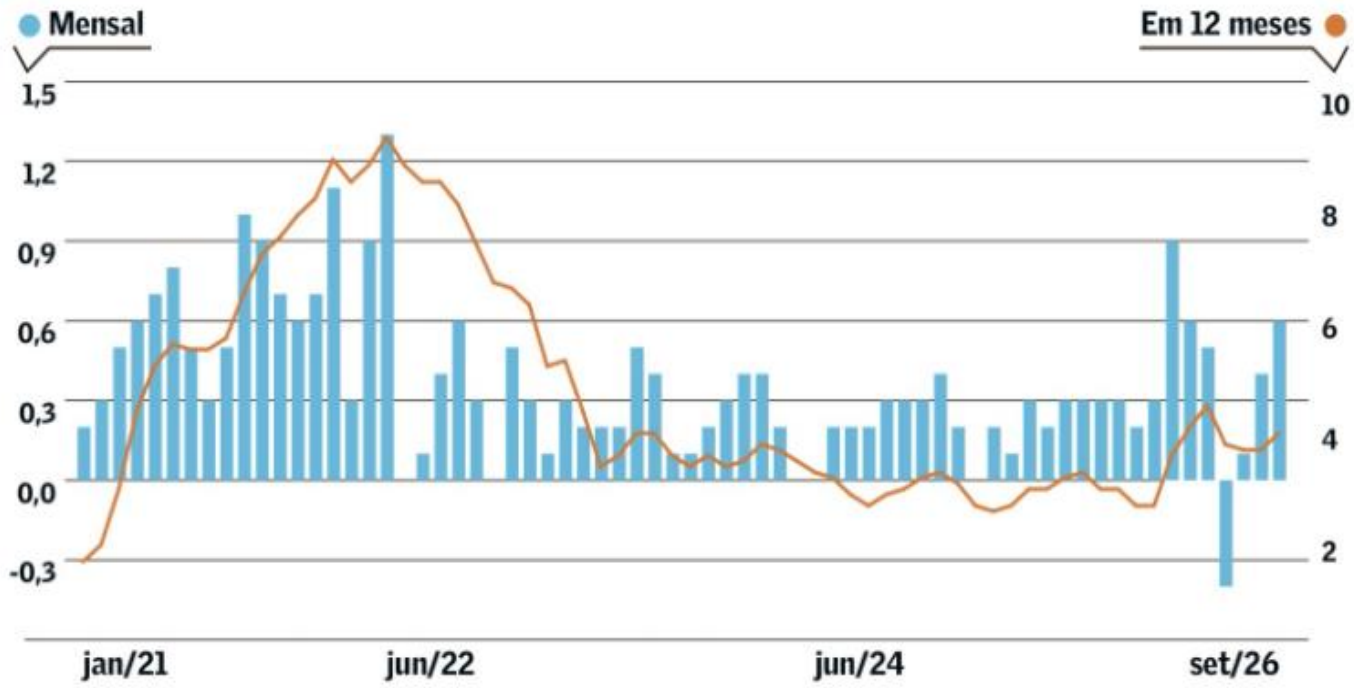
INFLAÇÃO NOS EUA

Inflação sobe a 3,7% na reta final para eleição nos EUA

Inflação nos EUA

Variações do IPC - em %

Jornal VALOR 15-out



Fonte: U.S. Bureau of Labor Statistics. Elaboração: Valor Data. Obs.: out/25 - Shutdown

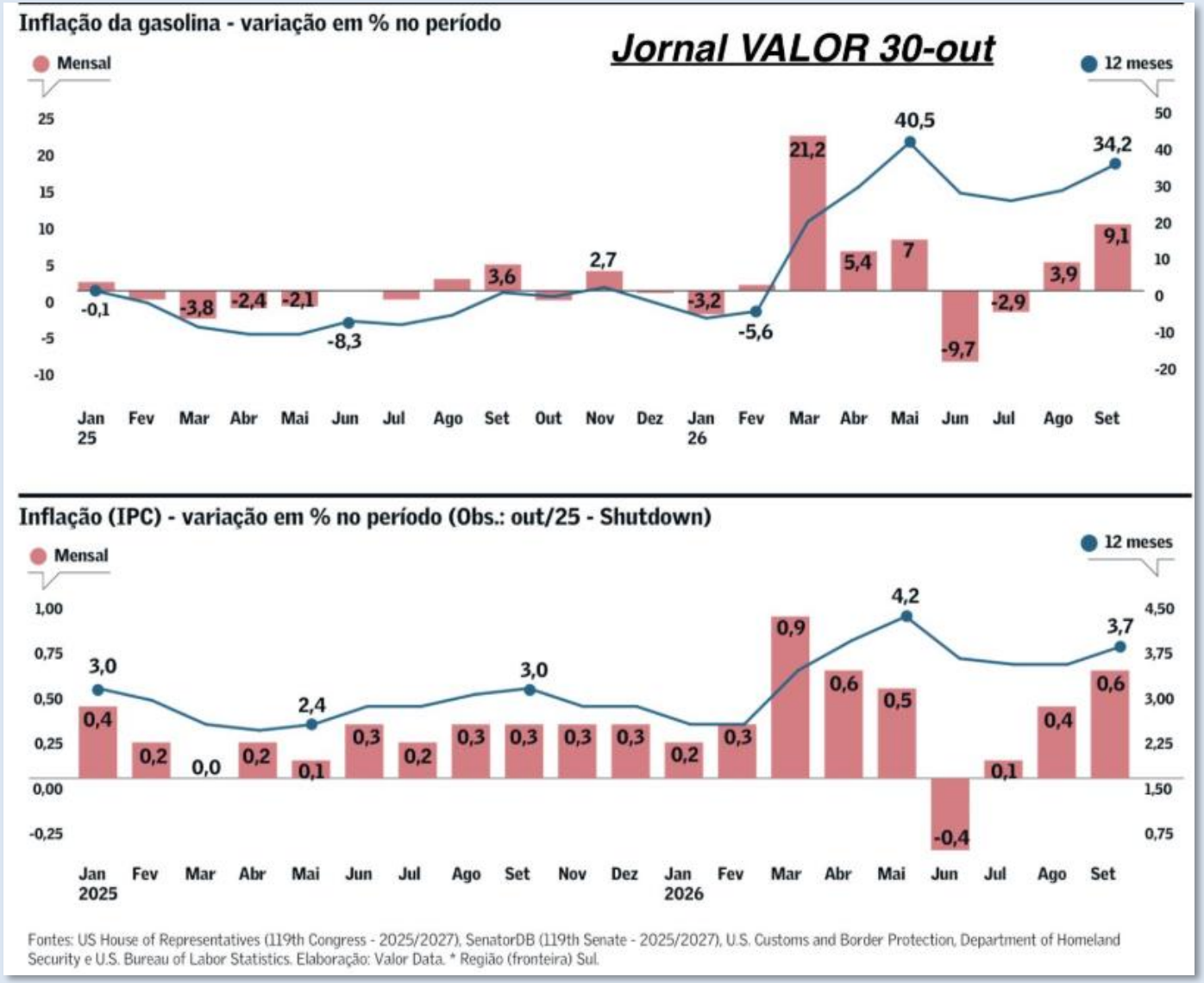
Associated Press, de Washington

A inflação ao consumidor nos EUA subiu para 3,7% em 12 meses em setembro, em novo sinal de que os preços continuam altos na reta final para as eleições de 3 de novembro, que definirão o controle da Câmara e do Senado nos dois últimos anos de mandato do presidente Donald Trump.

O índice do mês passado mostrou que a gasolina e muitos outros bens e serviços ficaram mais caros, em indicação de que o aumento dos preços continua a ser um desafio à campanha republicana, afetada pelo aumento do custo de vida para o eleitor.

O governo anunciou que os beneficiários do sistema de previdência social receberão reajuste de 3,6% para compensar o aumento do custo de vida, com base nos índices de inflação.

INFLAÇÃO NOS EUA



IA

Boom da IA está concentrando crescimento global, diz FMI

Jornal VALOR 13-out

Novas previsões do FMI

Variação anual, em %

	2026	2027
PIB Global	**3,1**	**3,4**
Economias avançadas	**2,1**	**1,8**
EUA	2,3	2,3
Zona do euro	1,1	1,2
Alemanha	1,3	1,1
França	0,4	0,7
Itália	0,8	0,6
Reino Unido	1,3	1,2
Japão	0,7	0,7
Mercados emergentes	**3,7**	**4,4**
América Latina e Caribe	2,3	2,5
Rússia	0,9	0,9
China	4,5	4
Índia	7	7
Brasil	**2,2**	**1,9**
México	1,5	1,8

Fonte: FMI *Projeções

Lucas de Vitta
De São Paulo

O Fundo Monetário Internacional (FMI) manteve praticamente inalteradas suas projeções para o crescimento da economia global, apesar dos efeitos da guerra no Oriente Médio, mas alertou que essa resiliência esconde uma divergência cada vez maior entre os países, impulsionada pelo choque de energia e pela concentração do boom de investimentos em inteligência artificial.

Segundo o relatório Panorama Econômico Mundial, divulgado ontem, apenas 32 economias respondem agora por 95% do crescimento global, ante 54 na avaliação feita em abril. O FMI prevê uma expansão de 3,1% do PIB mundial neste ano, alta de 0,1 ponto percentual em relação à projeção anterior, de julho, e manteve em 3,4% a estimativa de crescimento para o próximo ano.

Para o Brasil, o FMI reduziu a previsão de crescimento de 2,4% para 2,2% neste ano e de 2,2% para 1,9% no próximo.

Inflação americana e investimento em IA afetam o Brasil por vias diferentes

Preços nos EUA

O IPC chegou a 3,7% em 12 meses até setembro. A alta da gasolina ajuda a explicar o movimento. A persistência nos demais preços é importante para avaliar a reação do Fed.

Juros e câmbio

Se a inflação persistir e o Fed mantiver juros altos por mais tempo, o dólar pode se fortalecer. No Brasil, isso pode pressionar preços de importados e dificultar a queda dos juros.

Crescimento global

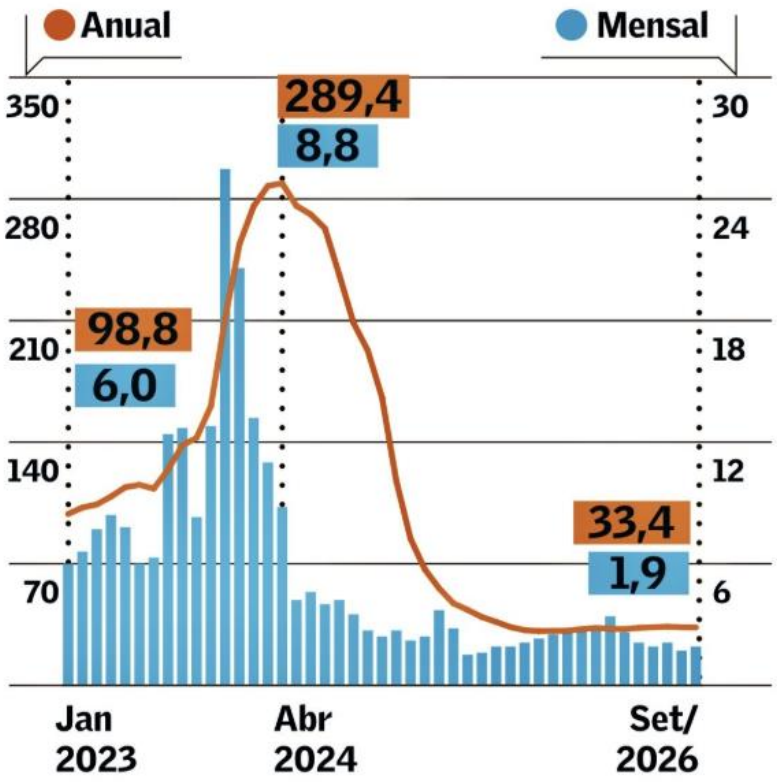
A matéria sobre o FMI destaca a concentração do impulso da IA. O efeito sobre a produtividade depende de quanto essas tecnologias se difundem para além das empresas que lideram os investimentos.

INFLAÇÃO NA ARGENTINA

Inflação na Argentina acelera para 1,9% em setembro

Inflação na Argentina

Taxa anual - em %



Fonte: Indec. Elaboração: Valor Data

Jornal VALOR 14-out

Luiza Palermo
De São Paulo

A inflação mensal na Argentina acelerou para 1,9% em setembro, ante 1,7% em agosto, mas permaneceu pelo segundo mês consecutivo abaixo de 2%, segundo dados divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec).

Em 12 meses, a inflação recuou para 33,4%, ligeiramente abaixo dos 33,5% registrados em agosto. No acumulado dos primeiros nove meses de 2026, a inflação chegou a 23,6%.

O resultado mensal ficou em linha com as expectativas dos analistas consultados na última Pesquisa de Expectativas de Mercado (REM), do Banco Central argentino, e manteve a inflação mensal abaixo de 2%. C

INFLAÇÃO NA ARGENTINA



Luiza Palermo
De São Paulo

O presidente argentino, Javier Milei, tem encontrado dificuldades para transformar os avanços no combate à inflação e no equilíbrio das contas públicas em uma recuperação econômica mais consistente e melhora dos indicadores sociais. Segundo analistas, a estratégia de Milei esbarra em alguns limites para que os avanços fossem distribuídos de maneira uniforme e traduzidos no bem-estar às famílias.

A visão econômica de Milei voltou ao centro do debate eleitoral brasileiro no fim de semana, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) questionou Flávio Bolsonaro (PL), durante debate da Band, sobre a adoção de medidas semelhantes.

Eleito em novembro de 2023, Milei assumiu a Presidência em dezembro daquele ano com a promessa de reduzir o tamanho do Estado, eliminar o déficit fiscal e estabilizar uma economia marcada por inflação elevada. Para isso, promoveu um ajuste fiscal, reduziu subsídios, cortou gastos públicos e flexibilizou regras econômicas, além de avançar na abertura comercial.

Segundo analistas, porém, esse modelo encontra agora alguns limites. Enquanto variáveis agregadas da economia de fato melhoraram, esses avanços não foram traduzidos em uma recuperação sustentada da economia, do emprego e da renda.

Modelo de Milei enfrenta limites no avanço social e recuperação econômica

A desinflação argentina convive com uma recuperação desigual

Inflação

Em setembro, a taxa mensal acelerou para 1,9%, enquanto a acumulada em 12 meses ficou em 33,4%. As duas medidas captam períodos diferentes e podem se mover em sentidos opostos.

Atividade

A queda da inflação acumulada ajuda no planejamento. A recuperação do consumo depende também da evolução da renda real e do emprego.

Brasil

Para exportadores brasileiros, especialmente os do setor automotivo, a demanda argentina e o câmbio bilateral pesam nas vendas e na competitividade.

Os principais sinais desta edição

Brasil

O Focus passou a indicar inflação e juros mais altos em 2027, com menor crescimento. O Copom manteve a Selic em 13,75% e o mercado de trabalho mostrou resistência.

Empresas

Despesas financeiras, mudanças tributárias em discussão e disponibilidade de mão de obra merecem atenção pelos efeitos sobre o caixa e a operação.

Exterior

Petróleo e China sustentam as exportações, enquanto a inflação americana e a recuperação argentina afetam o Brasil por meio do câmbio, dos juros e da demanda externa.

RESENHA ECONÔMICA

Realização:

ANEFAC

70 anos ADVB®

Ninguém é líder por acaso.

Curadoria:

Ailton Leite e Roberto Vertamatti

Vice-Presidência do Núcleo Economia da ADVB

Lívio Giosa

Presidente da ADVB

Esta publicação possui finalidade exclusivamente educacional e informativa.
As notícias, imagens, gráficos e demais conteúdos de terceiros são utilizados como referência para análise e debate econômicos, mantendo-se os respectivos direitos autorais de seus titulares.